

LEMBRANÇAS DO MESTRE MASAYUKI NAKAGAWA (1928-2014)

R C &amp; C

REVISTA DE CONTABILIDADE E CONTROLADORIA

## LEMBRANÇAS DO MESTRE MASAYUKI NAKAGAWA (1928-2014)

LUIZ PANHOCA

Doutor em Controladoria e Contabilidade | Universidade de São Paulo | Professor do Programa de Pós Graduação em Contabilidade | Universidade Federal do Paraná | Avenida Prefeito Lothário Meissner, 632 | 1 andar | Campus III | Jardim Botânico | Curitiba-PR | Brasil | CEP 80210-170 | Telefone (+5541) 3360-4418 | E-mail: [panhoca.luiz@gmail.com](mailto:panhoca.luiz@gmail.com) |

JORGE EDUARDO SCARPIN

Doutor em Controladoria e Contabilidade | Universidade de São Paulo | Professor do Programa de Pós Graduação em Contabilidade | Universidade Federal do Paraná | Avenida Prefeito Lothário Meissner, 632 | 1 andar | Campus III | Jardim Botânico | Curitiba-PR | Brasil | CEP 80210-170 | Telefone (+5541) 3360-4193 | E-mail: [jorge.scarpin@ufpr.br](mailto:jorge.scarpin@ufpr.br) |

O prof. Dr. Masayuki Nakagawa, era graduado em Ciências Contábeis e Atuariais pela Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (1952), mestre em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (1976), e doutor em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (1987). Possuía ainda pós-doutorado pela University of Illinois at Urbana-Champaign. Foi professor na pós-graduação da União das Faculdades Integradas de Negócios LTDA. Tinha experiência na área de Administração, com ênfase em Ciências Contábeis, atuando principalmente nos seguintes temas: competitividade, eficácia organizacional, custos, evidênciação e semiótica aplicada à contabilidade. Sua tese de doutorado teve como título: "Estudo de alguns aspectos de controladoria que contribuem para a eficácia gerencial" e foi defendida no dia 16/10/1987. Seu orientador foi o Prof. Dr. Armando Catelli. A comissão julgadora foi formada pelo Prof. Dr. Sérgio de Iudícibus, Prof. Dr. Alecseo Kravec, Prof. Dr. José Carlos Moreira e Prof. Dr. Josir Simeone Gomes e obteve menção de distinção e louvor.

Tive o privilégio de conviver com o professor Dr. Massayuki Nakagawa no de 1999, quando eu era funcionário de uma empresa estatal e estávamos estudando a implantação de um sistema de custos. Depois me tornei seu aluno, carregador de livros, aprendiz, discípulo e amigo. Foram suas aulas e seus ensinamentos que me fizeram gostar da contabilidade, da pesquisa e da carreira universitária. Devo meu doutorado a ele, pelo incentivo, motivação e parceria. Depois de uma longa caminhada e muito aprendizado assimilado escrevo, comovido, algumas recordações.

Este depoimento é parte da entrevista que fiz com o Prof. Dr. Masayuki Nakagawa, em sua residência, na data de 17/09/2009, as recordações ficam comigo e com aqueles que tiveram o privilégio de compartilhar de seus ensinamentos.

Professor Masayuki foi o segundo aluno a se graduar doutor em contabilidade e controladoria no novo regime da USP (o professor Dr. Antônio de Loureiro Gil, foi o primeiro doutor em Contabilidade da USP), conforme ele mesmo me disse, foi segundo por questão de dias!

Segundo o próprio Dr. Masayuki, ele foi quase que forçado a entrar no curso de contabilidade. “Eu queria fazer engenharia. Aos dezesseis anos, fui trabalhar numa metalúrgica. Era uma empresa familiar, de origem italiana. Aparentemente eu estava me saindo muito bem, pois tinha uma boa avaliação dos meus patrões na época e já estava fazendo colegial. No segundo ano do colegial, estudava matemática, física, química, biologia, eu estava sempre muito bem de notas! Essa metalúrgica (Metalúrgica de propriedade dos três irmãos da família Piacentini) produzia peças grandes de 100 toneladas, 200 toneladas. Um dia, o irmão mais velho, Flavio Piacentini, chegou para mim e disse: “Estamos muito satisfeitos com o seu desempenho, as informações que você nos passa são de qualidade, estão muito boas, quero conversar um pouco com você.” Dr. Masayuki disse: Pois não?! Ele: você está fazendo o que? Dr. Masayuki respondeu: “Estou me preparando para engenharia”. “Disse a ele que queria terminar o colegial e iria fazer o vestibular.” Ah, que bom! Foi a resposta e não se falou mais nada. Depois de alguns meses voltou outra vez a me questionar: “Você vai fazer engenharia”? Puxa, que pena rapaz, se você fizesse contabilidade... nós gostaríamos que você acompanhasse nosso crescimento, desenvolvimento. Aí, você teria uma grande chance de ter sucesso dentro da empresa”. Eu disse: “mas eu nem sei o que é contabilidade, eu vou procurar saber o que é e depois te dou uma resposta”. Foi o que Masayuki fez, inscreveu-se em um curso à distância, que era o único que existia naquela época... “tinha rádio técnico, tinha corte e costura, e contabilidade, tinha coisas assim, bem práticas era o Instituto Universal Brasileiro. Cheguei em casa, na Vila Prudente, e conversei com meus quatro ou cinco irmãos. Depois reporte a decisão aos meus patrões”. “Se a contabilidade vai ser um fator do meu sucesso na empresa, então é isso que eu vou fazer, contabilidade! Eles gostaram da minha decisão”. Então Dr. Masayuki se inscreveu no curso preparatório para ciências econômicas, não existia ciências contábeis naquela época, “e comecei a fazer o curso. O Professor Amaral Rodrigues, (da Amaral Associados) dava treinamento para vestibular. Ele foi meu professor de curso pré-vestibular, para entrar na faculdade de economia. Passou-se um ano de curso e meu colega que estava junto comigo lá era o Luiz Cezar Júnior. Sentávamos juntos, almoçávamos juntos, ficamos amigos. Depois de um ano, veio introdução à economia, matemática, estatística...” não era o que Dr. Masayuki queria. Ele queria fazer contabilidade, fechar balanço. A empresa queria que Dr. Masayuki fosse um contador para fechar balanço. Na primeira turma de contabilidade formada no Brasil Dr. Masayuki foi aceito junto com outros 22 colegas. Era a primeira turma que se formava em função da nova lei. Era a primeira turma do Brasil. Segundo Dr. Masayuki “no meio do caminho tinha muita matemática, derivada, cálculo integral, limites, somatórias (...) meu amigo queria desistir. Então acabei entrando em contabilidade por causa disso. Fui forçado a entrar em contabilidade, eu não sabia o que era contabilidade. Mas aí, do primeiro ao último módulo de ciências contábeis eu fui o primeiro aluno. E no último ainda me deram uma medalha de ouro como melhor aluno”. Recebeu o prêmio do Presidente da República e a partir daí “comecei a gostar realmente da contabilidade, mas não naquela situação, achava muito chato débito e crédito, gostava mais da parte do entendimento, para que serve a contabilidade”.

Dr. Masayuki trabalhou na metalúrgica elaborando relatórios de custos, lançamentos, mas todo mês o contador fazia o balancete do mês e o balanço individual. Dr. Masayuki utilizava a contabilidade, os conhecimentos, especialmente de custos para fazer a gestão da empresa. Nessa altura já era gerente administrativo e toda parte de controladoria e custos era de sua responsabilidade. Ficou nessa parte de custos durante 30 anos. Masayuki se formou em 1952 e ficou na empresa até 1972.

Dr. Masayuki cursou especialização em marketing, em recursos humanos e CPM/PERT. Na década de 1960 surgiu um curso que no Brasil se chamava engenharia operacional. No final do curso, fez um projeto de construção de uma máquina, e recebeu o certificado em construção de máquinas e construção de ferramentas. Na época de 1960 e poucos, Dr. Masayuki já era gerente e depois diretor administrativo.

Em 1972 Dr. Masayuki ingressou na FEA (Faculdade de Economia e Administração da USP), para fazer um curso de mercado de capitais. “A empresa estava crescendo muito e estava interessada em investimentos”. Durante o curso, os professores gostaram do seu desempenho e chamaram-no para ser professor. Haveria um concurso, Dr. Masayuki disse que nunca tinha dado aula, mas “o professor Antônio Perez insistiu muito”.

“Comecei na USP em 1973 e, como tinha experiência prática na área de custos e controladoria, comecei a lecionar controladoria”. Sem prática de magistério Dr. Masayuki disse “fiquei apavorado (...) naquela semana eu li tudo o que consegui e preparei uma apostila, e até hoje eu me orgulho disto. Ai começou realmente a minha atividade na USP, no Departamento de Contabilidade atual. Eu comecei a gostar realmente da profissão”. A turma tinha dois alunos e um deles foi obrigado a trancar por problemas de agenda. Dr. Masayuki sempre brincava com esse fato, “a turma ficou reduzida à metade”!

Em 1974, o professor Antonio Perez chamou Dr. Masayuki e como chefe de departamento, disse que ele precisava fazer um mestrado. Disse ele: “Fiz a minha inscrição, realizei a prova e comecei. Em 1972, com a reforma universitária, todas as cadeiras, cátedras, viraram departamentos. Então o titular da cátedra 5, que era o Professor Boucinhas virou chefe departamento e chamou o prof. Dr. Armando Catelli, para ser seu assistente e levou mais alguns com eles e Dr. Masayuki foi quase que obrigado a fazer o mestrado”.

No mestrado Dr. Masayuki teve aula com o os professores Boucinhas, Milton Frota, Sérgio (Iudícibus) e o Eliseu (Martins). Era o primeiro curso de mestrado do Brasil, cursavam-no o Dr. Masayuki e mais seis alunos. Dr. Masayuki terminou o curso de mestrado em 1973. Na banca do mestrado estavam os professores Eliseu, o professor Perez (que era o seu orientador) e o Leonardo Cavaleiro da administração. O tema foi contabilidade gerencial. Para terminar a tese Dr. Masayuki contou que seguia as recomendações do Professor Eliseu, que “me falou para ele fazer uma bibliografia, fazer alguma coisa na prática, nada do que ele já não saiba”. Foi o que fez. Para terminar o trabalho, o sogro do Dr. Masayuki morava na praia e tomava conta da casa de um amigo dele que estava vazia ele pegou a máquina de escrever, então trancou-se lá por uma semana, trabalhando 16 horas por dia, todos os dias. Terminou o mestrado e começou o doutorado em 1975.

Segundo conta o Dr. Masayuki, “no tempo que eu fiz o meu mestrado, não tinha o rigor que tem hoje, não existia a Capes, a reitoria (da USP) ditava as normas e as unidades cumpriam, era tudo decidido ali. Eu levei uns 10, 11 anos era difícil, não tinha com quem contar. Quando eu terminei, era 1986, o Sérgio (Iudícibus), que era o chefe de departamento, me chamou, me deu parabéns e me informou que eu iria fazer o pós-doutorado nos Estados Unidos em Contabilidade Gerencial. Eu nem sabia o que era isso. Falei para ele mandar outra pessoa. O departamento estava cheio de pessoas mais novas, eu era o mais velho. Ele falou que teria dois anos para concluir e voltar com o certificado. O Sérgio me instruiu para fazer a inscrição para concorrer a uma bolsa americana no dia seguinte (Fulbright - Comissão para intercâmbio educacional entre os Estados Unidos e o Brasil), que era o último dia de inscrição. Foi tudo assim, na base do susto. Então fui descobrir como fazer minha inscrição, eu não tinha ideia de como fazer. Descobri que tinha que fazer um exame, o TOEFL. Na parte gramatical, até deu para passar. O que eu não passei foi no *listening*. Na sala tinha um alto-falante horrível, você tinha que escutar o que a pessoa falava e escrever, mas ele parecia um bêbado falando. Não entendi nada o que se falava. Não passei. Avisei o pessoal e eles me falaram que não tinha problema, que eu iria fazer um curso preparatório para me preparar para a próxima prova. Aí fiz e passei. Fui para lá (*University of Illinois at Urbana-Champaign - EUA*) e fiquei em 1988 e 1989. Quando cheguei lá, me apresentei para o diretor do centro de pesquisa. Apresentei-me e falei que voltava amanhã. Cheguei no hotel e preparei um relatório de pesquisa. Entreguei para ele no dia seguinte e disse-me que no primeiro semestre, eu teria 10 disciplinas para cursar, manhã, tarde e noite. Aí pensei, se eu for fazer todas essas disciplinas eu vou ficar louco. Boa sorte, disse-me o

diretor! No segundo semestre, em vez de 10 foram só 4 disciplinas. No terceiro semestre, foram visitas a empresas e consultoria. O quarto semestre era para fechar o relatório. “Estudava em casa, à noite, eu ia até 4h, 5h da manhã”.

Em Illinois Dr. Masayuki foi convidado a lecionar e se cogitou sobre a possibilidade de que ele ficasse por lá, como assistente. No último semestre em Illinois Dr. Masayuki organizava uma reunião só de estrangeiros, indianos, chineses, coreanos ..., sexta-feira era o dia em que se discutiam temas de contabilidade gerencial, o objetivo era aprofundar o conhecimento e aproveitar para praticar o inglês. Isso fez muito bem, porque nunca ninguém tinha tido esta iniciativa”.

Eu tive acesso ao relatório do Diretor do Centro de Pesquisa onde Dr. Masayuki cursou seu PhD, (Vernon K. Zimmerman do *Center for International Education and Research in Accounting, University of Illinois at Urbana-Champaign*) que dizia “Quero reportar que poucos estudantes causaram uma impressão tão favorável e que o Dr. Nakagawa é extremamente focado nos seus objetivos, trabalha duro. Também é muito ativo e companheiro. Dr. Nakagawa é considerado nosso melhor aluno e cumpriu todo o programa do semestre, completou um programa extremamente difícil no último semestre e preparou vários relatórios para nós, os quais foram elaborados voluntariamente da parte dele e sei que tem reportado isso para sua universidade (USP). [...] Foi uma pessoa que impressionou pela sua ajuda, pela sua solicitude e pelas conquistas do programa”.

Quando Dr. Masayuki foi indagado sobre as suas descobertas e pesquisa na contabilidade ele disse “na verdade, quando eu fiz contabilidade, não dava para imaginar. Quando eu fiz o curso de contabilidade, eu só sabia a parte técnica. como fazer balancete, calcular juros. Eu chamo a parte braçal, mecânica. Mas eu nunca gostei dessa parte. O que me deu alegria foi quando eu comecei realmente a fazer o doutorado, foi com o Prof. Catelli. Me envolvi demais com os recursos que tem a contabilidade. Eu fui assistente dele (prof. Catelli) no mestrado e no doutorado. Ele era pós-graduado em contabilidade de recursos, análise de recursos e controladoria. Eu fui designado como assistente dele, mas não era para eu ficar lá o tempo todo, eu deveria ser o cobrador de notas dele. Mas eu assistia à aula do prof. Catelli e discutia com a classe. Desde quando eu assumi essa posição, até terminar meu doutorado, ele me “levava no colo”. Eu passava a noite estudando com ele. Eu estudava um sistema integrado, orçamento, contabilidade, custo padrão. Como é que essas coisas todas se integravam ... aí me apaixonei. O professor Catelli ficou espantado de eu ter gostado tanto da contabilidade. Eu comecei a perceber que era muito mais do que débito e crédito. E aí entrou essa revista *The Accounting Review*, era 1951, eu nem sabia disso, fui saber disso lá em Illinois e quando voltei fui à biblioteca ver se tinha alguma coisa escrita sobre o que falavam lá. O professor falava “*accountacy*”, *arquivo key* e *accounting*. *Arquivo key* são registros. Um fato que acontece nas transações e *accounting* é a interpretação, é entendimento”.

Sobre o curso de contabilidade em Illinois Dr. Masayuki contava: “Lá, eles diziam: nosso curso de mestrado e doutorado (de Illinois) é *master in accountancy*, *PhD in accountancy*, não *accounting*. Então em português tinha ciências contábeis, teorias contábeis e a contabilidade propriamente dita. Então teoria e *accountancy* são duas áreas que não podem se desvincular. Porque de um lado você tem os fenômenos. Se os registros são representações, o mais importante é o reconhecimento do que acontece e se avaliado adequadamente tem-se uma boa interpretação. Mas se isso não é elaborado adequadamente, eu não vou ter uma boa interpretação. Então há uma vinculação muito forte e é uma coisa que no Brasil não se mostra tanto, eu vi isso nos Estados Unidos, no Brasil se dá isso como ciência”.

Dr. Masayuki continua “Isso foi uma coisa que também aprendi com o Professor Catelli e fui ver nos Estados Unidos a confirmação do que o Catelli me falava. Quando se faz integração entre contabilidade, custo e controladoria, você está entendendo três áreas de conhecimento científico via um sistema. É uma coisa que ultrapassa o registro. Então comecei a pensar muito nisso e comecei a

ver nos Estados Unidos a importância e a credibilidade que tem essa representação. Então comecei a me interessar pela semiótica. Descobri uma tese de doutorado em semiótica nos Estados Unidos de ciências contábeis e na década de 60 na biblioteca da FEA (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo), tinha arquivos que falavam sobre semiótica na contabilidade, tudo isso eu passei para o José Maria Dias (Professor José Maria Dias Filho da FAT/UFBA), quando ele fez o mestrado. A primeira dissertação em semiótica no Brasil é dele. Outro professor utilizou a semiótica, mas para analisar o comportamento do contribuinte para disposição de pagar os impostos. Mas o que me entusiasmou primeiro foi o Catelli, ele que me mostrou essa integração que existe conceitualmente e do ponto de vista sistêmico, via computação, da contabilidade e orçamento. Isso foi na década de 1970 e até hoje essa é minha paixão. Entender e compreender o que é isso. Foi aqui que eu descobri, com a orientação do Catelli, mais as leituras, mais o que aprendi nos Estados Unidos e em contabilidade em si. Aí comecei a descobrir a aplicação da semiótica”.

Dr. Masayuki me falava que “A contabilidade, mais do que eu lhe disse, é uma ciência de interpretação e é mais do que a simples interpretação, ela também é compromisso e comunicação. O Prof. Catelli sempre falava que a contabilidade é comunicação. Eu não entendia muito bem o porquê. A contabilidade é muito rica. Nós contadores, éramos quase um escravo da lei, hoje estamos nos libertando disso. Com isso a nossa profissão ganha mais peso. E nós não estamos preparando nossos alunos para isso. Essa é uma grande preocupação. Visão, informação, o contador precisa ter isso. A semiótica é um novo olhar para a controladoria. Chegar na contabilidade de maneira interessante e inovadora. A questão é a Contabilização e a contabilidade ... se no futuro nós trabalharmos essas duas linhas, vai surgir muito material para transparência das organizações e dos governos, porque tudo isso é comunicação. Se você olhar pela ótica da comunicação, tem muito a ser desenvolvido na contabilidade.”

Dr. Masayuki contava que quando surgiu a palavra contabilidade, no século XII, XIII, ela surgiu formada de duas outras palavras. O verbo contar e sua derivada a conta. Na época, se uma pessoa contava certo, ela passava a ser uma pessoa contábil, ou seja, confiável. O complemento da palavra contábil é a habilidade de uma pessoa de adquirir essa condição contábil (confiável) e a contabilidade era o meio pelo qual se fazia isso acontecer. A contabilidade é uma ciência que presta serviços à sociedade. Quando um contador se forma, ao começar a trabalhar, ele recebe um contrato assinado de profissional liberal ou um registro na carteira profissional. Quando ele recebe a carteira, ele acha que se tornou um empregado da empresa. Nada disso, ele continua com o registro no CRC, isto é apenas uma forma de remuneração. O profissional contábil é independente e autônomo em qualquer situação. Quando esse profissional se formou, ele jurou prestar serviços à sociedade e não à empresa. Por contrato ele deve ter responsabilidade para com a empresa. Então a contabilidade faz toda a contabilização, faz a nota explicativa, mas para quem? Para a sociedade. Para o Dr. Masayuki, essa mudança de mentalidade deveria ser trabalhada dentro da graduação. Aliás, Dr. Masayuki sempre dizia que isso era uma coisa que deveria começar lá no primário para as crianças, porque a confiabilidade das pessoas é isso, é a confiança na sociedade, ter a habilidade de ser confiável, ser contábil. Todas as pessoas deveriam ser contábeis.

Dr. Masayuki recomendava que se começasse a pensar na contabilidade no contexto da sociedade e não apenas no contexto do mundo econômico. O contador pela sua formação deveria se preocupar com todas as atividades econômicas da empresa, e ele deve prestar contas destas atividades para a sociedade, pois é ela que no fundo, por meio dos recursos políticos, de seus governantes, organiza esta sociedade de tal maneira que contribua para seu bem-estar. E a contabilidade é o instrumento mais plausível de se fazer isto, porque ela trabalha com números. Porque não haverá justiça sem números.

Perguntado sobre os seus mestres, Dr. Masayuki dizia que as pessoas que o impressionaram na faculdade não eram os da área especialização. Ele dizia “eu tive um professor de Introdução à Filosofia... Claudiomiro.... José Inácio... Sociologia, depois na USP foi o professor Catelli, ele me mostrou o que é a Contabilidade. Eu acho que a nossa formação deveria ser mais fortemente voltada para a Sociologia, isto na Faculdade. Lá na Illinois, quem me impressionou muito foi Mark Johnson, ele que me convidou para dar aula, ele era austríaco, e era professor de contabilidade gerencial, com foco em custos. Ele escreveu um livro de teoria de custos. O que eu aprendi com ele foi que no Brasil só se fala de contabilidade de custos, sendo que existe a gerencial, controladoria, mas que existe alguma coisa que antecede a contabilidade. Existe um esforço que as pessoas fazem para conseguir alguma coisa. O resultado deste esforço pode ser um benefício ou prejuízo. Dois autores americanos falam sobre este esforço (William e Park). Este é o livro que eu usei no mestrado. Quem dava o curso era o Prof. Catelli. Eu tive acesso a este livro através do Prof. Boucinhas. Na introdução deste livro está o significado de custo: Custo é esforço! Esforço que vai se transformar em ação. Esta ação se transforma em registro. E aí começa a contabilidade. Mas antes disto houve um protocolo que determina quais ações físicas que vão demandar recursos. No uso destes recursos, deve ter-se a preocupação, e isto é uma preocupação de caixa, com a questão da eficiência e eficácia desta ação, para otimizar a utilização deste bem físico. Tudo isto é para satisfazer tanto o cliente interno quanto externo. E busca-se também a produtividade e eficiência. A eficácia vai se transformar em valor. São estas três dimensões que estão por trás da contabilidade de custos. É aí que entra a linha *accounting*. É a busca do caminho certo. *Right accounting*. *Accounting* no caso não é registro, é interpretação. Como vivemos no mundo da velocidade, a interpretação tem que ser veloz.”

Para o ensino da contabilidade Dr. Masayuki dizia que “o que se dá na parte inicial do curso é a introdução ao débito e ao crédito. Depois tem matemática, estatística e cálculo matricial. Já a contabilidade pública, que é vista lá no final, é a conceituação de todos os débitos e créditos que é visto lá no começo. O contador, muitas vezes, tem o poder e nem sabe. Quando se vai debitar ou creditar uma operação qualquer, ele vai ter que analisar primeiro o que ele vai creditar para ver se aquilo está de acordo com a transação. Segundo, se aquilo vai resultar em um desempenho, para os gestores, a comunidade. Mas para que isso aconteça essas duas coisas, do ponto de vista estratégico, é preciso que esteja de acordo com as especificações. Essa é uma preocupação que tinha o Dr. Masayuki, e que não é passada para os alunos. É uma ideia que segue a linha *accounting*. Quando se faz uma análise de custos, analisam-se o banco de dados para se efetivar comparações com projetos, por exemplo. O profissional que está fazendo a avaliação tem que ser treinado para ver se aquilo que ele está fazendo é o certo. Então *accounting* é a possibilidade de você fazer o rastreamento de transações. Quem entender o conceito e aplicar este conceito ganha.”

Dr. Masayuki dizia que “falar em IFRS na área de ensino e pesquisa não trouxe muita dificuldade, as dificuldades estão na contabilização propriamente dita, pois com a introdução do IFRS está se entrando em uma linguagem contábil, uma linguagem dos negócios, internacional, o contador vai ter estar apto a exercer suas atividades em qualquer local do mundo”.

Dr. Masayuki conta que em 1999, foi com o Professor Nelson de Carvalho (Luiz Nelson Guedes de Carvalho) para Londres, numa reunião com o ministro das finanças para discutir como seria possível transformar o contador em um profissional que possa trabalhar em qualquer parte do mundo e naquela época não se cogitava a fusão do IFRS.

Visitas a fábricas era uma parte constante nos ensinamentos do professor Masayuki pois segundo ele “uma visita a uma fábrica, onde são produzidas peças para caminhões, é importante para que os alunos tenham acesso ao processo de fabricação. Onde começam as transações, o protocolo e as atividades físicas. Isso é para dar suporte e para que vejam como fazer, como obter informação. Então você usa a transação informacional, física, para ver onde está a falha, lá no começo. É algo

completamente novo, os alunos nunca ou dificilmente vêm isso na grade de ciências contábeis... tem que sair da mesa e ir ver como funciona.

Dr. Masayuki perguntava-me: “Já ouviu falar de andragogia? É um modelo do pessoal da FIAT internacional. É uma metodologia. Você tem acesso a esse material com um professor da USP que aplicava muito andragogia. O acesso é em ser professor ([www.serprofessor.com.br](http://www.serprofessor.com.br)....). Ele diz que, quando você vai dar um treinamento, na andragogia, você já tem no pensamento o perfil do curso, o treinamento que você vai dar. Mesmo começando do zero, você já tem uma média para acrescentar coisas do interesse dele. Então se forma uma parceria para construir junto o treinamento. Outra técnica é a Zetética<sup>1</sup>, que ensina o aluno o porquê e para que aquilo serve, deixando-o curioso e interessado no assunto.” Como todo verdadeiro mestre, sempre um professor a frente do tempo. Conhecia e interagiu com professores de diversos departamentos da USP, fazia matérias e discutia com professores da FFLCH, da ECA do direito, enfermagem e saúde pública, e falava já faz um bom tempo da pluridisciplinaridade.

No período de 1994 a 1998, Dr. Masayuki acumulava os cargos de Chefe do Departamento de Contabilidade e Atuária da FEA/USP, Presidente da CPG da FEA/USP, representante da FEA/USP junto à Comissão de Pós-graduação (Câmara de Normas e Recursos e Câmara Curricular), e presidente da Comissão de Especialistas de Ensino de Ciências Contábeis da SESu/MEC, onde foi responsável pela elaboração das novas diretrizes curriculares do curso de Ciências Contábeis. Entre 1995 e 1998, foi representante oficial no Brasil dos Programas de Certificação Profissional em Controladoria do IMA - Institute of Management Accountants dos Estados Unidos.

De 1998 a 2000, participou em Londres, como representante do Brasil, na reunião promovida pela UNCTAD/ONU para se estudar a organização do IQO - *Intenational Qualifying Organization*, para tratar da qualificação profissional do Contador para seu livre trânsito em qualquer país do mundo. Em 1999, foi à Alemanha, a convite da Ford Motor Company para desenvolver um programa de treinamento para professores e pesquisadores em Logística Integrada. Em 1999, participou, no Canadá, no Departamento de Marketing, Logística e Engenharia Mecatrônica, da *Michingan State University* do início de conversações do programa de cooperação mútua com a Universidade de São Paulo. Em 2000, criou o Centro de Pesquisa em Logística Integrada à Controladoria e Negócios através de um convênio de cooperação mútua entre a USP e a *Ford Motor Company*. No ano de 2000, iniciou entendimentos para que o Departamento de Contabilidade e Atuária da FEA/USP, com a colaboração da ECA/USP, Escola de Jornalismo Cásper Líbero e Centro de Cursos de Comunicação da UNISINOS iniciem no ano de 2001 o projeto conjunto de pesquisa em Teorias Da Semiótica Aplicadas à Contabilidade. Desde 2010 participava do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo, CRC-SP, na Comissão de Desenvolvimento Científico.

Durante meu doutorado Dr. Masayuki fez com que eu frequentasse cursos de estatística no departamento de matemática da USP, na engenharia de produção da Poli e na Faculdade de Educação e sociologia na FFLCH, onde ele fez com que eu me interessasse pelas pesquisas. Um mestre que sempre tinha coisas novas para estudar e para ensinar, uma visão de futuro invejável, um mestre à frente do tempo. Certa tarde em minhas andanças pelo Brasil com o mestre, sentado a beira de uma piscina em Cuiabá, saboreando uma caipirinha eu disse com certo receio: Professor (era assim que eu o tratava), depois de cinco anos de graduado doutor, começo a entender o que ensinavas na sala de aula! Dr. Masayuki, com toda sabedoria riu e disse-me: “Puxa, que bom! Tem gente que passa a vida toda e não consegue isso”!

---

<sup>1</sup> Zetética Comissão de Desenvolvimento Científico são investigações que tem por objeto o direito no âmbito da Sociologia, Antropologia, História, Filosofia, Psicologia, Ciência Política.

Dr. Masayuki dizia que “depois de ser professor na FEA por quase meio século, percebeu que o professor deveria despertar nos alunos a mesma curiosidade que ele tinha quando jovem, quando ele não gostava de contabilidade. Para fazer com que o aluno comece realmente a perceber a importância da contabilidade, perceber na empresa, na fábrica, na sociedade e em todas as dimensões dos governos como a contabilidade é importante”.

Muito obrigado mestre!